

pt



União Europeia
Política Regional

inforegio

| N.º 20 | Setembro de 2006 | **panorama**



**Energia e desenvolvimento
regional**

Sumário

Energia e desenvolvimento regional

Energia sustentável: a conexão regional

Dada a sua proximidade a fornecedores e consumidores, as regiões desempenham um papel fundamental ao contribuírem para a realização de objectivos de segurança de fornecimento, de competitividade e de sustentabilidade, promovendo no terreno a eficiência energética, as energias renováveis e as tecnologias inovadoras. Com efeitos positivos para a economia e para o emprego locais.

Testemunho: Estónia, Grécia, Itália, Letónia, Lituânia, Polónia e República Checa

FEDER em acção: Portugal, Alemanha, Áustria e Finlândia

Reportagem: na vanguarda das energias

Na Alta-Áustria existe, desde 1991, uma política activa que faz do desafio energético uma prioridade do desenvolvimento regional.

FEDER em acção: Espanha, França, Hungria e Reino Unido

Testemunho: Dinamarca

INTERREG em acção: INTERREG IIIA Alemanha/França/Bélgica/Luxemburgo, INTERREG IIIB «Cadses» e «Mar do Norte» e INTERREG IIIC «Oeste»

3



13



14

15



19

20



21

Fotos (páginas): Comissão Europeia (1, 3, 4, 7, 10, 13), Bio-Wärme Weyer (6), COGEN Europe (11), Solarfocus/Kalkgruber GmbH (8), EIE (9), Offshore-Power Net (11, 21), Argent Energy (12), Energy 4 Cohesion (13), SOGEO (14), Q-Cells AG (14), Biomassekraftwerk Güssing GmbH (14), BENET (14), Isabella Raml (16, 17, 18), Gemeinde Lengau (16), CENER (19), Gwadabel (19), Polgármesteri Hivatal Szeged (19), WEBS (19), Samsø Danmarks Vedvarende Energi Ø (20), Arsenal Research (21), Energie-Cités (21).

Capa: Junto a uma central térmica do condado de Offaly (Irlanda).

Colaboraram igualmente na redacção deste número: Christian Boissavy, Pierre Ergo, William Gillett, Jean-Luc Janot, Seppo Kallio, Simon Minett, Dickon Posnett, Isabella Raml, Burkhard Sanner, Peter Ungar, Isabelle Valentiny e Charles White.

Editor responsável: Thierry Daman, CE, DG Política Regional

Esta revista é impressa em papel reciclado, em alemão, francês e inglês.

O caderno temático está disponível em 19 línguas da União Europeia na página Internet http://ec.europa.eu/regional_policy/index_fr.htm

Os textos desta publicação não têm valor legal.

Energia sustentável: a conexão regional

Por Gerhard Dell, Christiane Egger e Christine Öhlinger ⁽¹⁾

Dada a sua proximidade a diversos agentes, as regiões contribuem largamente para a realização dos objectivos energéticos europeus e internacionais. Em contrapartida, a existência de ambiciosos objectivos europeus e internacionais favorece o desenvolvimento regional e dá o impulso necessário à economia local.



«Parque solar» em Marstal (Dinamarca).

Viver no século XXI coloca desafios novos e interessantes, incluindo no sector da energia. O nosso consumo de energia e os efeitos ambientais daí resultantes atingiram os limites. Os compromissos assumidos à escala nacional e internacional definem novos objectivos e cadernos de encargos no que se refere ao consumo e às emissões. A evolução da situação mundial provoca fortes aumentos e flutuações nos preços. Chegou o momento, por isso, de encontrar soluções que, permitindo manter ou melhorar o actual nível de vida, contribuam para um menor consumo de energia e cubram as restantes necessidades energéticas a partir de fontes que respeitem mais o ambiente.

Para atingir estes objectivos devem ser redobrados os nossos esforços, a todos os níveis, nomeadamente a nível regional. Só conjugando esforços às escalas regional, nacional e europeia é que o mercado se encaminhará para uma utilização sustentável da energia.

A paisagem energética no século XXI

O mundo entrou numa nova era energética e para dar resposta à procura de energia prevista é urgente actuar. Só na Europa, será preciso investir cerca de um bilião de euros nos próximos 20 anos, para substituir uma infra-estrutura energética envelhecida.

Outra razão para actuar sem demora: a nossa grande dependência da importação de energias fósseis e de combustíveis nucleares. Se não conseguirmos melhorar a competitividade da produção autónoma de energia, as importações, provenientes na maior parte de regiões do mundo ameaçadas pela instabilidade, cobrirão daqui a 20 ou 30 anos 70% das necessidades energéticas da UE (contra os 50% actuais).

Além disso, as reservas de energias fósseis estão concentradas em poucos países: neste momento, por exemplo, cerca de metade do gás consumido na UE tem origem apenas em

⁽¹⁾ Respectivamente presidente, vice-presidente e chefe do Serviço Internacional de OÖ Energiesparverband, a Agência da Energia da Alta-Áustria, e membros da Federação Europeia das Agências Regionais da Energia e do Ambiente (Fedarene) (www.fedarene.org).

três países: Rússia, Noruega e Argélia. A manterem-se as tendências actuais, a percentagem de gás importado poderá passar para 80% nos próximos 25 anos.

A este desafio da segurança do abastecimento junta-se outro: o aumento da procura mundial de energia implica um aumento das emissões de CO₂. Prevê-se que a procura energética mundial e as emissões de CO₂ aumentem cerca de 20% até 2030. O consumo mundial de petróleo, por seu lado, aumentou 20% desde 1994 e prevê-se que a procura mundial continue a aumentar anualmente 1,6%.

Aliás, os preços do petróleo e do gás na UE quase duplicaram nos dois últimos anos, arrastando com eles o aumento dos preços da electricidade. Com o aumento da procura mundial de combustíveis fósseis, a forte solicitação das cadeias de abastecimento e a dependência cada vez maior das importações, é de esperar que os preços do petróleo e do gás continuem elevados.

Os efeitos ambientais de uma maior utilização de energias fósseis já se fazem sentir: segundo o Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC), as emissões de gás com efeito de estufa provocaram já um aquecimento mundial de 0,6°C. Se nada for feito, até ao final do século verificar-se-á um aumento das temperaturas de 1,4°C a 5,8°C, que afectará as economias e os ecossistemas de todas as regiões do mundo, incluindo da UE.

Devido à dimensão mundial do problema, todas as regiões do mundo dependem umas das outras na garantia do abastecimento energético, na criação de condições económicas estáveis e no combate eficaz das alterações climáticas. No quadro desta mudança, todos os agentes, aos níveis local,

O biodiesel, uma alternativa aos combustíveis fósseis.



Os desafios energéticos nas orientações estratégicas em matéria de coesão

As novas orientações estratégicas comunitárias em matéria de coesão (2007-2013), propostas pela Comissão Europeia e que devem ser adoptadas até ao final de 2006, acentuam diversas vezes a importância do desafio energético para a concretização dos objectivos de Lisboa. Apelando a que seja dada prioridade aos investimentos que contribuam para os compromissos da UE em relação a Quioto, preconizam «abordar a questão da utilização intensiva pela Europa das fontes de energia tradicionais» seguindo três eixos de acção:

- > melhorar a eficiência energética e disseminar modelos de desenvolvimento de baixa intensidade energética;
- > apoiar o desenvolvimento das energias renováveis, que podem constituir uma vantagem para a UE e reforçar desse modo a sua posição competitiva, contribuindo assim para concretizar o objectivo de produzir 21% da electricidade a partir de fontes renováveis, até 2010;
- > no que se refere às fontes de energia tradicionais, concentrar os investimentos (em especial nas regiões do objectivo «Convergência») nos projectos que visem desenvolver redes e compensar as deficiências do mercado.

Mais informações no texto integral da comunicação:
http://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docoffic/2007/osc/com_2006_0386_pt.pdf.

regional, nacional ou europeu, têm um papel vital a desempenhar. Todos os níveis vão ter de mudar de rumo e empenhar-se numa política energética sustentável.

Os fundamentos de uma política energética sustentável

A eficiência energética, as fontes de energia renováveis e tecnologias energéticas inovadoras são os elementos fundamentais de uma política energética sustentável e de uma maior segurança no abastecimento, bem como um factor importante para a criação de empregos. As decisões europeias e os acordos internacionais sobre a redução das emissões de CO₂ exigem o relançamento das importantes iniciativas já adoptadas a nível europeu no que diz respeito a estes objectivos.

Mas também a nível regional é possível fazer muita coisa. As fontes de energia renováveis disponíveis podem revelar-se uma contribuição fundamental para o desenvolvimento económico regional. De igual modo, é principalmente aos níveis local e regional que se pode concretizar a eficiência energética. E estas actividades, como por exemplo a renovação de edifícios, dá muitas vezes um grande impulso às indústrias locais. As estratégias energéticas regionais inscrevem-se no contexto da integração europeia, mas ao mesmo tempo as regiões, enquanto agentes económicos, vêm aumentar o seu papel e são obrigadas a criar as condições-quadro exigidas nas suas esferas de actividade.

A proximidade com os diferentes actores, bem como a coordenação das diferentes acções e o respeito pelas exigências e especificidades locais são outros tantos elementos que conferem toda a importância às actividades energéticas regionais. Para a realização dos objectivos europeus e internacionais é, por isso, conveniente associar medidas «top-down» (objectivo de Quioto, directivas europeias) com abordagens «bottom-up», dando assim um impulso qualitativo e quantitativo aos objectivos prosseguidos.

A melhoria da eficiência energética e a utilização de energias ecológicas permite antever efeitos positivos substanciais para a economia e para o desenvolvimento regional: para além de uma maior segurança de abastecimento e de vantagens ambientais, constitui uma fonte de novos investimentos, produtos e empregos. A longo prazo, o crescimento económico e o consumo de energia vão poder, e dever, ser «separados», não devendo o aumento do produto

interno bruto ser acompanhado de um aumento correspondente do consumo de energia.

Uma maioria dos cidadãos da UE quer decisões a nível europeu que respondam aos novos desafios da segurança de aprovisionamento, do aumento do consumo de energia e das alterações climáticas⁽²⁾. São inúmeras as oportunidades económicas e ecológicas que surgem, nomeadamente para os novos Estados-Membros, onde até ao momento quase não foi explorado o potencial de eficiência energética e das energias renováveis. No entanto, estas oportunidades só podem ser aproveitadas através de acções ambiciosas à escala regional.

A política energética europeia e as suas repercussões regionais

A energia tem um papel determinante na realização dos objectivos europeus de crescimento, de emprego e de de-

⁽²⁾ Sondagem Eurobarómetro realizada em 2005 nos 25 Estados-Membros da UE e nos países candidatos.

Um livro verde para uma nova paisagem energética europeia

O livro verde da Comissão Europeia «*Estratégia europeia para uma energia sustentável, competitiva e segura*»^(*), apresentado em 8 de Março de 2006, é objecto de consulta pública até 24 de Setembro de 2006. Em função dos resultados desta consulta, bem como das conclusões do Conselho Europeu e do Parlamento, a Comissão proporá depois um conjunto de medidas concretas para uma política energética coerente.

A estratégia proposta visa três grandes objectivos — segurança de fornecimento, competitividade energética e sustentabilidade ambiental — e articula-se em torno de seis eixos:

1. **Um melhor funcionamento do mercado interno do gás e da electricidade**, nomeadamente através da criação de um código de rede europeu, da instituição de um regulador europeu e de um Centro Europeu para as Redes Energéticas, da melhoria das interconexões, da separação mais acentuada entre o transporte e a distribuição de energia a fim de favorecer uma concorrência justa, do incentivo ao investimento e à competitividade.
2. **Maior solidariedade entre os Estados-Membros em matéria de segurança de abastecimento**, através de um reexame da legislação da UE sobre as reservas de petróleo e de gás, da criação de um Observatório Europeu do Aprovisionamento Energético, com a missão de melhorar a transparência e a prevenção neste domínio, e do aumento da cooperação em matéria de segurança de infra-estruturas e redes.
3. **Um cabaz energético europeu mais sustentável, eficiente e diversificado**, através de um grande debate

sobre as vantagens e as desvantagens das diversas fontes de energia (incluindo a energia nuclear), da sua disponibilidade, dos seus custos e do seu impacto ambiental, a fim de fazer face aos desafios energéticos da UE no seu conjunto, respeitando ao mesmo tempo o direito de escolha dos Estados-Membros.

4. **Uma abordagem integrada para combater as alterações climáticas**, através de medidas concretas (campanhas de informação, mecanismos financeiros, etc.) destinadas a diminuir em 20% o consumo de energia da UE até ao ano 2020 e a estabelecer um roteiro de longo prazo para a valorização das energias renováveis: eólica, solar, biomassa, biocombustíveis, energia hidroeléctrica, geotérmica, etc.
5. **Um plano estratégico para as novas tecnologias energéticas** (armazenamento da energia, utilização do hidrogénio, captura de carbono, etc.) susceptíveis de melhorar o rendimento energético, apoiando-se em plataformas tecnológicas europeias e adoptando decisões conjuntas para a criação de mercados de ponta neste domínio.
6. **Uma política energética externa comum** face aos desafios colocados pela dependência das importações, pela subida e volatilidade dos preços da energia, pelo aumento da procura mundial e pelo aquecimento climático: definição de prioridades em matéria de infra-estruturas de aprovisionamento, parcerias com fornecedores estrangeiros, criação de uma comunidade energética a nível pan-europeu baseada na Comunidade da energia instituída em Atenas em 25 de Outubro de 2005, etc.

^(*) COM(2006) 105 final. O livro verde e o questionário estão disponíveis no sítio: http://ec.europa.eu/comm/energy/green-paper-energy/index_fr.htm.



Entrepósito de aparas de madeira para aquecimento.

envolvimento sustentável. É neste contexto que se insere o livro verde apresentado na Primavera de 2006 pela Comissão Europeia (ver caixa), centrado em objectivos de segurança, de competitividade e de sustentabilidade no fornecimento de energia.

Quando a energia tem origem na madeira

Para o Comité Económico e Social Europeu (CESE), a utilização energética da madeira constitui um importante meio para diminuir as emissões de gás com efeito de estufa, contribuindo, juntamente com as outras energias renováveis, para reduzir a dependência energética da UE. A exploração sustentável das florestas implica uma gestão que assegure um crescimento adequado e a sua disponibilidade a longo prazo. Sem esquecer o seu papel essencial para a biodiversidade e a sua função recreativa.

O desafio é enorme. Trata-se de criar condições adequadas para o sector e de abrir o mercado dos combustíveis aos subprodutos da indústria da madeira, à madeira obtida para produção de energia e à madeira tratada para aquecimento. Tudo isto supõe a criação de instrumentos apropriados.

Para uma utilização cada vez maior da madeira para produção de energia os produtores necessitam de um mercado que funcione. Nos países em que este mercado é deficiente, é preciso conceder ajudas temporárias. É essencial apoiar as organizações de proprietários florestais e os empresários locais e ajudar as numerosas pequenas explorações florestais existentes na UE a cooperarem entre si.

Cerca de 30% das florestas europeias não são exploradas e as reservas florestais aumentam desde há 50 anos. A falta de sensibilidade para este potencial deve ser colmatada por campanhas de informação, intercâmbio de boas práticas e transferência de tecnologias. O inventário dos recursos deve ser melhorado, bem como a informação sobre as possíveis utilizações a todos os níveis: familiar, empresarial ou urbano. Em muitas centrais modernas a madeira pode ser

As regiões asseguram a ligação entre os diferentes actores: próximas dos cidadãos, transmitem informações importantes para a política europeia de energia e são, por outro lado, indispensáveis para o sucesso da sua execução.

A biomassa, uma oportunidade para as regiões

O plano de acção para a biomassa, apresentado pela Comissão Europeia [COM (2005) 628 final], constitui um instrumento importante para a realização dos objectivos acima mencionados e para a preparação de medidas concretas. Neste momento, com efeito, cerca de metade das energias renováveis exploradas na UE têm origem na biomassa. O plano de acção mostra como promover a sua utilização graças a incentivos económicos e à supressão de obstáculos no mercado.

A eficiência energética: mais com menos

A eficiência energética favorece a implantação de actividades e a criação de empregos. De acordo com o livro verde, a

utilizada, ao mesmo tempo que outros combustíveis sólidos. Seria igualmente conveniente promover, através de uma directiva, a produção de calor a partir da biomassa.

A investigação também deve prosseguir. O sector florestal da UE criou no âmbito do sétimo programa-quadro comunitário de investigação (2007-2014) uma plataforma que prevê um esforço considerável a favor da I&D neste domínio.

Os subprodutos da indústria da madeira — casca, serradura, lixívia negra (*), etc. —, bem como a madeira reciclada oferecem um enorme potencial e já são utilizados em muitos países, em especial no quadro de uma indústria florestal integrada. As indústrias do papel e da serração podem produzir mais energia do que consomem: os subprodutos que excedem as suas necessidades em energia poderão ser vendidos no mercado dos biocombustíveis.

Como a utilização industrial do potencial florestal apenas ultrapassa os 50%, é igualmente preciso incentivar a utilização energética dos subprodutos dos abates florestais. Por exemplo, ajudando os proprietários das explorações a cobrirem as despesas de corte ligadas a projectos que não entrem em concorrência com o fornecimento de matérias-primas para a indústria. Por último, o CESE considera que as taxas de CO₂ constituirão um bom meio para reforçar a competitividade da madeira no mercado energético.

Para saber mais: http://www.eesc.europa.eu/sections/ten/index_en.asp?id=1001tenen.

(*) Substância recuperada depois da cozedura da pasta de papel e que contém linhite.

UE poderá ainda reduzir pelo menos em 20% o seu consumo actual de energia, correspondendo a uma economia de 60 mil milhões de euros por ano, ou seja, o consumo energético actual combinado da Alemanha e da Finlândia.

É verdade que será preciso investir consideravelmente nalguns sectores para explorar estas possibilidades de economia de energia. Mas são outras tantas oportunidades excepcionais em termos de emprego e de crescimento na Europa: os especialistas calculam, com efeito, que a exploração deste potencial de eficiência energética poderá, directa ou indirectamente, contribuir para a criação de um milhão de novos empregos e para que uma família europeia média poupe entre 200 a 1 000 euros por ano.

Além disso, o incentivo activo do mercado de novos produtos e serviços ligados à eficiência energética permitirá que a Europa consolide mais a sua posição de líder neste sector.



A Irlanda publicou um «Atlas nacional dos ventos» para desenvolver o sector eólico.

Contributo da co-geração para o desenvolvimento regional

A co-geração é a produção simultânea de electricidade e de energia térmica. Pode ser aplicada a todas as tecnologias que utilizam combustíveis para produzir electricidade. Os critérios essenciais são a localização e a dimensão da central. A implantação na proximidade de indústrias, de centros urbanos ou de edifícios permite atingir níveis muito elevados de eficiência. Em geral, a co-geração permite realizar economias de energia que vão de 10% a 30% e níveis semelhantes de redução de emissões de carbono.

Cobrimdo cerca de 12% das necessidades europeias em electricidade e calor, a co-geração tem um importante potencial de crescimento, beneficiando o ambiente, a segurança das fileiras energéticas e a competitividade económica. Sendo um meio especialmente eficiente de produção de calor, de frio e de electricidade («trigeração»), representa uma solução com elevado rendimento, que permite reduções substanciais de emissões de gás com efeito de estufa e de outros poluentes, e melhora a sustentabilidade do sector energético europeu.



O livro verde sobre a eficiência energética apresenta a co-geração como a técnica mais importante para economizar energia e o programa europeu sobre alterações climáticas refere-se à co-geração como a melhor medida que a UE pode pôr em prática para atingir os objectivos climáticos do Protocolo de Quioto. Num relatório elaborado para a Presidência neerlandesa da UE, a Price Waterhouse Coopers declarou que esta era a solução mais rentável para atingir os objectivos em matéria de clima e de segurança energética.

O desenvolvimento da co-geração baseia-se actualmente numa directiva europeia (2004/08/CE), que exige a todos os Estados-Membros que avaliem o potencial da co-geração nos seus territórios e se empenhem na sua realização, eliminando os obstáculos e, se necessário, financiando as medidas. O momento é, portanto, adequado para os Estados-Membros estudarem o papel que a co-geração pode ter. Além disso, a co-geração é citada como uma opção privilegiada no Sistema Europeu de Comércio de Licenças de Emissões, na directiva sobre o rendimento energético dos edifícios e em todos os dispositivos de apoio à biomassa, quer se trate da directiva sobre as energias renováveis ou do plano de acção da biomassa.

No que se refere aos programas de desenvolvimento regional, a co-geração pode ser um instrumento precioso para aumentar a economia de energia e o desempenho ambiental dos Estados-Membros e dos países candidatos. Fábricas, aquecimento urbano e edifícios podem todos ser equipados com sistemas de co-geração, alimentados por biocombustíveis ou por combustíveis convencionais. Muitos projectos em curso na Roménia, por exemplo, são centrais de co-geração. Na Hungria, quase todas as novas unidades de produção de electricidade exploram a co-geração, sendo uma parte substancial projectos de aquecimento para pequenas comunidades.

Para saber mais: COGEN Europe, Associação Europeia de Promoção da Co-geração, <http://www.cogen.org>.

O sector da construção, um manancial para a eficiência energética

Os edifícios são responsáveis por 40% do consumo europeu de energia. O sector da construção pode, por isso, desempenhar um papel essencial na realização dos objectivos de eficiência energética. É por isso que a Directiva «Edifícios» (directiva sobre o desempenho energético dos edifícios, 2002/91/CE) pretende garantir que as normas europeias se debrucem sobre a redução do consumo energético.

Observa-se já uma tendência clara, em muitas regiões, para a construção de mais edifícios com elevado rendimento energético e para recorrer a energias renováveis. No entanto, ainda não estão esgotadas todas as possibilidades de economia de energia e o petróleo continua a ser uma fonte de energia muito importante do ponto de vista quantitativo.

Cadernos de encargos adequados podem contribuir para a construção de edifícios de elevado rendimento energético e constituem uma significativa oportunidade para os sectores



A energia geotérmica na Europa

A Terra é uma bola de fogo revestida por uma delgada crosta de rochas sólidas frias. O calor interior chega à superfície nos sítios onde a crosta é fina, como acontece ao longo da dorsal médio-atlântica (Islândia e Açores) ou no sul da Itália, à volta do mar Tirreno. O planeta dissipa em permanência cerca de 40 milhões de MW de calor para o espaço. Uma tecnologia adequada permitiria aproveitar esta energia renovável geotérmica e não apenas nas regiões vulcânicas. A utilização desta energia tem, aliás, uma longa tradição na Europa, desde o aquecimento das estações balneares e residências romanas até à primeira produção de electricidade por geotermia, em 1904, na Itália.

Actualmente, a geotermia é utilizada em quase toda a Europa. É preciso fazer uma distinção entre as fontes geotérmicas com elevada temperatura (que só se encontram em certas condições geológicas), as águas mais ou menos quentes das bacias aquíferas profundas (presentes sobretudo nas bacias hidrográficas) e as aplicações geotérmicas de superfície, exploráveis quase em qualquer sítio. Graças à I&D sobre os «Sistemas geotérmicos estimulados», é possível utilizar altas temperaturas fora dos campos geotérmicos naturais, como demonstra o projecto europeu de investigação em Soultz-sous-Forêts, na Alsácia.

Em 2004 foram produzidos na Europa cerca de 7 TWh (7 milhões de MWh) de electricidade a partir da energia geotérmica, dos quais cerca de 75% na Itália. A produção de calor de origem geotérmica na UE-25 foi, por seu lado, de 21,4 TWh/ano, com a Suécia à frente (cerca de 45%), seguida da Hungria e da Itália (10% cada um). Ainda que a Suécia não possua vulcões, nem *géisers*, nem bacias de

água quente profundas, a energia geotérmica de superfície é aí largamente explorada graças a bombas de calor, que se podem instalar em qualquer sítio. O mesmo acontece na Alemanha, na Áustria e na Suíça e este mercado está actualmente a desenvolver-se na França e no Benelux.

Os domínios de aplicação da geotermia são vários: produção de electricidade, redes de aquecimento urbano ou sistemas de aquecimento individuais (bombas de calor geotérmico), aquecimento de estufas, piscicultura e produção de algas (*spirulina*), secagem na agricultura, na indústria agro-alimentar ou na indústria da madeira, etc., sem esquecer os projectos de dessalinização da água do mar nas ilhas gregas. O caviar francês de Mios (Aquitânia) ou os espargos gregos de Xanthi, recolhidos em Janeiro, devem a sua existência à energia geotérmica.

Nas bacias que dispõem de camadas aquíferas profundas, como na Hungria ou em França, e nas zonas de fontes quentes, a tecnologia geotérmica pode intervir a diferentes níveis de temperatura. A geotermia pode ter um interesse especial para o desenvolvimento agrícola; nalgumas regiões constitui a base deste desenvolvimento. Por último, as bombas geotérmicas podem igualmente servir de climatizadores, muito mais eficazes do que os aparelhos clássicos; oferecem por isso excelentes perspectivas para a Europa Meridional, embora este mercado ainda não esteja tão desenvolvido como no sul dos Estados Unidos ou na China.

Para saber mais: European Geothermal Energy Council (EGEC), <http://www.egec.org>.

regionais da construção. Neste contexto, a vontade de melhorar a eficiência energética é o ponto de partida para a utilização das energias renováveis. Um maior isolamento térmico dos edifícios e o recurso a tecnologias inovadoras não são apenas vantagens em termos de conforto, mas contribuem igualmente para a criação e para a manutenção de empregos.

No sector da construção, para lá do quadro legal, as estratégias de informação, tanto em relação aos utilizadores dos edifícios como a muitos agentes ligados ao sector, desempenham um papel fundamental. Pela sua proximidade aos cidadãos e aos operadores económicos, as regiões devem contribuir para a realização de edifícios eficientes, sustentáveis e confortáveis.

Programa «Energia Inteligente — Europa» (EIE): convertendo a política em acções

O programa «Energia Inteligente — Europa» ⁽¹⁾, em vigor de 2003 a 2006 e com um orçamento de 250 milhões de euros, financia 50% dos custos das acções europeias para o fornecimento e utilização de energia sustentável (energias renováveis, eficiência energética, energia para os transportes), mas não financia o «hardware». Este programa prosseguirá de 2007 a 2013 através do programa-quadro para a inovação e a competitividade.



Os projectos no âmbito do programa EIE têm por objectivo fazer face aos desafios actuais do sector energético através de análises de mercado, de intercâmbio de conhecimentos, de campanhas de sensibilização, de acções de formação, etc. Criam simultaneamente condições propícias a novas trocas comerciais. O programa EIE apoia já um bom milhar de organizações em mais de 200 projectos internacionais, a criação de cerca de 35 novas agências de energia a nível local ou regional e cerca de 40 eventos europeus. O número de acções aumentará em cerca de 50% com a assinatura de uma nova série de contratos ainda este ano.

A electricidade verde, um contributo para o desenvolvimento regional sustentável

Através da directiva para promover a electricidade produzida a partir de fontes de energia renováveis como o vento, o sol, a biomassa ou a água (2001/77/CE), a UE estabeleceu um objectivo ambicioso: aumentar para 22%, até 2010, a percentagem desta electricidade «verde». É igualmente estabelecido um objectivo concreto para cada Estado-Membro, consoante o seu potencial, as suas realizações e outros factores. Desde 2001, o mercado tem vindo a desenvolver-se a ritmos muito diferentes nos diferentes Estados-Membros, dependendo da ambição e da qualidade das escolhas

Desde 2005 que o programa EIE é gerido pela Agência de Execução de Energia Inteligente (IEEA: Intelligent Energy Executive Agency), a nova agência criada pela Comissão para converter as políticas em acções com maior eficácia e melhores resultados. Assim, a Comissão pode concentrar-se nas suas tarefas políticas e institucionais. A IEEA emprega 43 pessoas em Bruxelas e colabora estreitamente com a Direcção-Geral da Energia e Transportes.

O quarto convite para apresentação de propostas do programa EIE foi publicado em 29 de Maio de 2006, terminando o prazo em 31 de Outubro. O orçamento previsto é de cerca de 50 milhões de euros. Este convite para apresentação de propostas é acompanhado de jornadas «Info» em toda a UE e consta do site Internet da EIE. A maioria das propostas tem de ser apresentada por um mínimo de três organizações independentes, situadas em pelo menos três dos países seguintes: Estados-Membros da UE, Roménia, Bulgária, Croácia, Islândia, Noruega e Liechtenstein. Um site Internet ⁽²⁾ oferece a possibilidade de procurar parceiros.

A fim de proceder à avaliação das propostas, a IEEA é assistida por peritos independentes. Especialistas qualificados, com uma experiência profissional de pelo menos cinco anos neste domínio, podem propor a sua colaboração inscrevendo-se no site Internet da EIE.

Para o período 2007-2013, o programa EIE prosseguirá no âmbito do **programa-quadro para a inovação e a competitividade (PIC)** ⁽³⁾, que apoia as PME através de uma série de acções a favor do crescimento, do emprego, da eco-inovação e da protecção do clima.

⁽¹⁾ http://ec.europa.eu/energy/intelligent/index_en.html.

⁽²⁾ <http://www.managenergy.net/>.

⁽³⁾ <http://europa.eu.int/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/06/716&format=HTML&aged=0&language=FR&guiLanguage=fr>.



Energia hidroelétrica sem fronteiras: barragem no Nestos, entre a Grécia e a Bulgária.

feitas, em especial no que se refere aos instrumentos de promoção e à supressão dos obstáculos administrativos.

Mais uma vez as regiões têm um papel decisivo a desempenhar na realização destes objectivos: a maior parte dos projectos que tiveram êxito são desenvolvidos a nível local ou regional e só a este nível é que podem ser ultrapassados muitos obstáculos do mercado. Além disso, as regiões que conseguem fazer evoluir o mercado da electricidade verde podem beneficiar das possibilidades de empregos daí resultantes (sobretudo para as PME e para os produtores de energia independentes) bem como de oportunidades de exportação. As regiões que investem hoje em infra-estruturas de energia sustentável e verde serão amanhã recompensadas por preços energéticos estáveis e por empresas fortes neste domínio.

O ser humano no centro

É preciso não esquecer que as estratégias energéticas são implementadas em diferentes locais e níveis organizacionais: municípios, regiões, Estados, zonas económicas, bem como junto de clientes públicos e privados, famílias, empresas, nos transportes, etc. Isto significa que diferentes medidas se devem dirigir aos diferentes destinatários.

Apenas um trabalho de informação contínua pode permitir que se atinja um grau elevado de sensibilização para as questões energéticas. Os debates acabarão por fazer da energia verde e da eficiência energética um sec-

tor que se pretende profundamente social, mas não chegarão na prática para alterar verdadeiramente os comportamentos.

A experiência mostra que um nível de ambição elevado no que respeita às expectativas da energia verde, combinado com um elevado nível de informação, tem mais impacto na economia de energia do que um objectivo demasiado modesto. O facto de se conhecerem as possibilidades de sucesso ajuda a suscitar uma atitude que contribui largamente para esse mesmo sucesso.

É verdade que a descrição pormenorizada dos programas e dos planos estratégicos de economia de energia é necessária para os especialistas tomarem as suas decisões, mas não suscita verdadeiramente o interesse dos utilizadores privados. São sobretudo as experiências pessoais que criam as condições necessárias para alterar os comportamentos. A eficácia do empenhamento pode ser reforçada se houver personalidades que partilhem este ponto de vista. Este factor social engloba igualmente a propensão para aceitar e seguir as disposições legais e os conselhos dos especialistas.

Palermo (Itália): produção eléctrica a partir de gás natural.





Parque eólico ao largo de Copenhaga (Dinamarca).

Energia eólica *off-shore*: a nova fronteira

Durante algum tempo, a energia eólica continuará a ser explorada essencialmente em terra firme, mas serão sem dúvida os parques oceânicos que ilustrarão os progressos futuros. No final de 2005 estes parques representavam menos de 2% da capacidade instalada na UE, ou seja, 680 MW (*) num total de 40 500 MW. A Associação Europeia da Energia Eólica (European Wind Energy Association: EWEA) prevê que aquela proporção será de um terço até 2020 e de 50% até 2030. A curto prazo, espera-se que a implantação de parques oceânicos se desenvolva para atingir 5% a 10% da produção de electricidade eólica da UE até 2010.

Os parques eólicos no mar apresentam a dupla vantagem de beneficiar de ventos mais fortes e previsíveis e de evitar potenciais conflitos com outras utilizações do solo. O rendimento da energia eólica é cerca de 40% mais elevado no mar do que em terra. Isto significa que seria mais barato produzir um kWh a partir da energia eólica marítima. Contudo, neste momento, a instalação de um parque oceânico representa custos mais elevados, associados à implantação das fundações e à conexão à rede, bem como condições mais complexas de exploração e de manutenção. No entanto, é evidente que, a médio prazo, as possibilidades de redução de custos serão mais importantes *off-shore*, porque as empresas ainda não beneficiaram totalmente das economias de escala e dos efeitos da aprendizagem. Estes efeitos irão surgir quando o mercado começar a desenvolver-se.

A produção de energia offshore apresenta-se como uma clara oportunidade para a UE, não só para dar resposta aos desafios da segurança de aprovisionamento, das alte-

rações climáticas e do preço da energia, mas também para criar novas oportunidades de emprego. Isto é especialmente verdadeiro para certas zonas marítimas e costeiras afectadas pelo declínio das actividades tradicionais, como a pesca ou a construção naval.

Sabendo que a UE está na vanguarda do mercado mundial das turbinas eólicas, cuja produção é maioritariamente europeia, e que se trata de um sector com um coeficiente de mão-de-obra mais elevado do que as alternativas a partir de combustíveis fósseis, os parques eólicos *off-shore* constituem uma boa opção para muitas regiões. Se quisermos aproveitar ao máximo os benefícios da energia eólica e manter a liderança europeia, é preciso fazer investimentos mais significativos na investigação da opção oceânica e desenvolver sem demora uma política europeia de energia eólica *off-shore*, como a Comissão propôs em 2004.

Um dos grandes problemas da produção *off-shore* são as infra-estruturas. Os fundos estruturais podem ter aqui um papel central. Trata-se de desenvolver redes de transporte da electricidade produzida no mar, capazes de dar resposta às necessidades futuras dos mercados, em que a energia do vento, das ondas e das marés terá um papel cada vez maior. Para além de uma exploração óptima do maior potencial europeu de energia renovável, estas redes permitiriam também, graças à melhoria das interconexões, contribuir para um melhor funcionamento do mercado interno da electricidade.

Para saber mais: <http://www.ewea.org>.

(*) Megawatts (milhões de watts): medida de potência eléctrica. A título de exemplo, 1 kW (mil watts) corresponde à potência de um forno microondas.

Uma informação adequada deve ser fornecida no local certo e no momento exacto. Os instrumentos de comunicação (informação, aconselhamento, formação, etc.) são mais eficazes quando combinados de modo preciso com instrumentos financeiros (fiscalidade, incentivos financeiros) e regulamentares. Uma combinação eficaz de diversos instrumentos políticos permite uma rápida transformação do mercado.

As estratégias regionais

Em muitas regiões da Europa já estão a ser aplicadas estratégias e acções exemplares a favor do desenvolvimento sustentável e trabalha-se em permanência para o aumento da eficiência energética e da utilização das fontes de energia sustentáveis.

São mais de 50 as regiões inovadoras que cooperam com esta finalidade no quadro da Federação das Agências Regionais de Energia de toda a Europa (Fedarene), sendo as suas actividades principais o intercâmbio de informações entre regiões e a cooperação no domínio energético.

Biodiesel extraído de gorduras animais

Em Março de 2005, no quadro de um projecto de implantação de uma fábrica-piloto europeia numa zona desfavorecida, foi extraído o primeiro biodiesel da coluna de destilação da nova fábrica da Argent Energy, na Escócia (RU). Este combustível foi ensaiado no bem equipado laboratório da fábrica para avaliar se satisfazia os critérios da norma europeia EN14214 para o biodiesel e outras amostras foram enviadas a laboratórios independentes. Os resultados revelaram-se positivos e os participantes no projecto viram que o sucesso recompensou a sua confiança nesta tecnologia.

É verdade que o biodiesel é conhecido desde há décadas, mas o interesse especial deste projecto residia, sobretudo, na utilização de uma tecnologia que ainda não tinha dado provas a uma escala comercial. Além disso, a matéria-prima utilizada não foi o óleo vegetal habitual, mas sim gorduras animais provenientes de matadouros e de talhos, bem como óleos de cozinha usados. Provar que estas fontes de energia podem ser convertidas de modo rentável e em grande escala num combustível de elevada qualidade constituía uma etapa fundamental num contexto em que a UE incentiva a introdução cada vez maior de biocombustíveis nos mercados.

São várias as tecnologias que estão a ser desenvolvidas neste sector, em rápida expansão. Está a ser feito um maior esforço de I&D para elaborar combustíveis de se-

Todas as regiões que assinaram a declaração «*European Regions for Energy Efficiency and Renewable Energy Sources — Regiões europeias para a eficiência energética e fontes renováveis de energia*», lançada pela *Energiesparverband* da Alta-Áustria e pela Fedarene, confirmaram o seu empenhamento na eficiência energética e nas energias renováveis. Mais de 20 regiões de toda a Europa já participaram nesta iniciativa e estabeleceram objectivos concretos de utilização de energias renováveis.

Perspectivas

Neste início de milénio somos confrontados com desafios novos e interessantes: o nosso consumo energético e os efeitos ambientais que daí resultam atingiram um ponto crítico. Estes desafios exigem acções mais eficazes. É necessário, nomeadamente à luz das condições-quadro europeias e dos acordos internacionais, prosseguir com estratégias energéticas concertadas. A alteração que se iniciou e que tende a colocar a tónica na procura, mais do que na oferta, centrará as estratégias energéticas ainda mais nas necessidades e no bem-estar dos consumidores.

gunda e terceira geração. As grandes empresas petrolíferas, responsabilizadas pela procura de soluções sustentáveis, dão continuação à pesquisa. Os governos, por seu lado, estabelecem medidas para o desenvolvimento de biocombustíveis, com objectivos em termos de volume cada vez maiores e em colaboração com a indústria, a fim de obterem as maiores vantagens ambientais (por exemplo, através da análise completa do ciclo de vida do produto). A este propósito, não se deve perder de vista um factor determinante para permitir à indústria concretizar os projectos, a saber, os sistemas regionais de apoio financeiro. Reclamados pela indústria, estes sistemas corresponderam ao que deles se esperava.

Para saber mais: <http://www.argentenergy.com/>.



Estónia, Grécia, Itália, Letónia, Lituânia, Polónia e República Checa

«Energy 4 Cohesion»: favorecer as energias renováveis nas regiões rurais menos desenvolvidas

Christian Epp, coordenador do projecto



O projecto «Energy 4 Cohesion» (Energia para a coesão), apoiado pelo programa Energia Inteligente — Europa (EIE), está em curso desde 1 de Janeiro de 2006 até 30 de Junho de 2008. O consórcio do projecto é constituído por 13 empresas e institutos com experiência nos sectores das energias renováveis e do desenvolvimento rural, oriundos de 11 Estados-Membros da UE. É-lhes dada assistência por subcontratantes que trabalham nas regiões abrangidas e por nove parceiros estratégicos que contribuem para o diálogo sobre a política seguida e ajudam na gestão do projecto.

Estes parceiros vão cooperar no sentido de elaborar oito planos directores relativos a projectos de energias renováveis em oito regiões-alvo da UE, de modo a que estes projectos possam utilizar os fundos estruturais e de coesão de 2007-2013. Serão aí definidas as «boas práticas» relativas aos mecanismos de financiamento e aos planos de cooperação adequados para tais projectos. Além disso, os parceiros assegurarão formação aos agentes e decisores locais e dar-lhes-ão assistência.

As oito regiões-alvo são Zlin (República Checa), Limbazi (Letónia), Velky Krtis (Eslováquia), Kaunas (Lituânia), Poviát Nowa Sol (Polónia), Evros (Grécia), a ilha de Saaremaa (Estónia) e Alta Locride (Itália).



Numa primeira fase, a equipa do projecto estudará os programas dos fundos europeus para o desenvolvimento regional e o desenvolvimento rural da Europa Central, Oriental e Meridional. Os parceiros examinarão as políticas pertinentes para a coesão europeia e avaliarão a sua adequação a acções descentralizadas no domínio da energia, visando o desenvolvimento destas regiões. Os resultados permitirão estabelecer uma plataforma política para a partilha de experiências e a identificação das melhores práticas. Serão então elaborados planos de acção para a promoção de acções energéticas em pequena escala nas zonas rurais, sendo recomendadas medidas a adoptar à escala

européia, nacional e regional no quadro da política de coesão.

Numa segunda fase serão criados projectos-piloto nas 8 regiões seleccionadas, que apresentam um importante potencial para a valorização das energias renováveis. Estes projectos serão objecto de um plano director por região, que abrangerá a concepção, planificação e execução de acções descentralizadas.

A experiência de outras regiões mostra que estes projectos descentralizados de energias renováveis podem trazer vantagens económicas e ambientais às zonas rurais isoladas. No entanto, um obstáculo significativo é a falta de fontes de financiamento adequadas, muitas vezes devido à pequena dimensão dos projectos. As agências locais para a energia e o desenvolvimento beneficiarão por isso de uma ajuda destinada a definir um modo específico de financiamento de projectos aplicável no quadro da política de coesão. Além disso, será organizado um fórum para incentivar e facilitar os investimentos privados. A elaboração de um plano inovador de financiamento da cooperação permitirá, por outro lado, reunir projectos e criar assim uma massa crítica suficiente. Serão aperfeiçoados outros instrumentos de financiamento para se conseguir capital de arranque e criadas novas normas de qualidade em matéria de financiamento, de modo a atrair investimentos de terceiros.

A equipa de «Energy 4 Cohesion» organizará também dez seminários temáticos destinados a sensibilizar os agentes regionais (promotores de projectos, representantes das colectividades locais, responsáveis políticos e funcionários, agentes e empresários do sector da energia) para o potencial de desenvolvimento contido nas acções descentralizadas em matéria de energias renováveis e informá-los das possibilidades disponíveis nos novos programas de coesão de 2007 a 2013. Estes seminários constituem, por outro lado, um instrumento importante para mobilizar o interesse e a participação no projecto.

Por último, uma campanha de divulgação (página de acolhimento, boletins informativos, apresentações, publicações, etc.) dará a conhecer os resultados do projecto, especialmente os que se referem à política de Coesão, às acções-piloto e aos planos inovadores de financiamento.

Para saber mais: <http://www.e4c.org/>.

AÇORES (PORTUGAL)

Energia geotérmica



Custo total: 60 000 000 EUR

Contribuição da UE: 25 000 000 EUR

«Dirigido pela Sociedade Geotérmica dos Açores (SOGEO), está em desenvolvimento um complexo geotérmico de 23 MW no sítio da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel. Uma primeira fase industrial começou em 1994, com a instalação de duas unidades de 2,5 MW cada. Em 1998 foi completada com a construção de duas outras unidades de 4,0 MW. Actualmente está a ser construída uma nova central com uma capacidade de 10 MW perto do Pico Vermelho. Deverá iniciar a produção em Setembro de 2006, contribuindo significativamente para aumentar a autonomia energética dos Açores graças à exploração deste recurso local renovável. Em 2007, a energia geotérmica deverá fornecer perto de 158 GWh, ou seja, cerca de 36% do consumo eléctrico dos Açores. Está em estudo um outro projecto na ilha Terceira e estão também em curso prospecções nas restantes ilhas, a fim de valorizar os importantes recursos geotérmicos do arquipélago.»

Carlos Bicudo da Ponte, membro executivo do Conselho de Administração, SOGEO
sogeo@eda.pt

ÁUSTRIA

O co-gerador de Güssing



Custo total: 11 000 000 EUR

Contribuição da UE: 2 000 000 EUR

«Com a finalidade de demonstrar a possibilidade de produzir electricidade a partir de matéria orgânica em pequenas e descentralizadas centrais de energia, foi construída em Güssing uma nova central de biomassa. A central utiliza um sistema de gaseificação que tem a vantagem, em comparação com os incineradores clássicos, de conjugar calor e electricidade. Em Güssing, a combustão de 1,760 kg de madeira por hora fornece 2000 kW de electricidade e 4 500 kW de aquecimento colectivo. Na central realizam-se igualmente numerosas actividades de investigação. Experimenta-se a produção de gasolina, de gás-óleo e de metano, bem como a utilização de pilhas de combustível.»

Reinhard Koch, director comercial, Biomassekraftwerk Güssing GmbH & Co KG
r.koch@eee-info.net
www.eee-info.net

ALEMANHA

O «Vale Solar» da Saxónia-Anhalt



Custo total: 21 000 000 EUR

Contribuição da UE: 10 500 000 EUR

«Desde o ano 2000 que se está a desenvolver um cluster da indústria solar perto de Bitterfeld, na Saxónia-Anhalt. A região foi duramente atingida pela rápida desindustrialização que se seguiu à reunificação, provocando um especial desemprego e o êxodo dos jovens para o Ocidente. A decisão da sociedade Q-Cells de aí produzir painéis solares, conjugada com a ajuda do FEDER, permitiu que a região ressurgisse. Com os seus parceiros EverQ e CSG Solar, a Q-Cells criou até agora mais de 1 200 postos de trabalho. E prevêem-se muitos mais com o crescimento que o sector conhece, com os esforços feitos em investigação e desenvolvimento e com a comercialização de novas tecnologias fotovoltaicas.»

Stefan Dietrich, director de Relações Públicas, Q-Cells AG

s.dietrich@q-cells.com

www.q-cells.com

FINLÂNDIA

A rede BENET de bioenergia



Custo total: 670 000 EUR

Contribuição da UE: 450 000 EUR

«Graças à sua rede de parceiros e à sua equipa polivalente, a BENET pode fornecer uma vasta gama de serviços no mercado, em rápida expansão, das bioenergias. Fundada em 1997 e constituída por 9 organizações independentes e especializadas da Finlândia central, bem como por membros individuais, a BENET Bioenergia oferece conhecimentos especializados em agricultura e silvicultura, tratamento da biomassa, técnicas de produção de energia, concepção de instalações, mercados energéticos, desenvolvimento de empresas e formação. Os projectos realizados pela BENET (5EUROS, Propellets e Biohausing), financiados principalmente pelo programa 'Energia Inteligente — Europa', promovem a utilização das bioenergias para a produção de calor e de electricidade, a exportação de tecnologias e o espírito empresarial no sector. A rede coopera com parceiros internacionais para o desenvolvimento dos mercados bioenergéticos. A BENET dispõe de instrumentos únicos, como um dos mais importantes laboratórios de I&D da Europa e uma unidade de formação e de desenvolvimento, o Centro de Bioenergia.»

Dan Asplund, presidente do Conselho de Administração
dan.asplund@jso.fi
<http://benet.finbioenergy.fi>

O desafio energético, uma prioridade do desenvolvimento regional na Alta-Áustria

Na vanguarda das energias

Desde 1991 que a região da Alta-Áustria conduz uma política activa em matéria de energia: incentivo à eficiência energética, apoio a fontes alternativas de energia, projectos e infra-estruturas experimentais, etc. Exceptuando os transportes, cerca de um terço da energia consumida no *Land* tem agora origem em energias renováveis. Com efeitos positivos para o desenvolvimento regional. *Panorama* mostra exemplos de projectos e vai ao encontro de alguns dos participantes envolvidos.



Produção de painéis solares em St-Ulrich.

Neste dia de Junho estavam 35°C à sombra em Linz, capital do *Land* da Alta-Áustria. Apesar de o hotel ter três estrelas, é exigido aos clientes um suplemento significativo para utilizarem o ar condicionado no seu quarto. Ao longo da sua estada o visitante terá outras oportunidades de constatar que, nesta zona do país, não se brinca com a energia.

«A energia é um tema prioritário na Alta-Áustria desde há quinze anos», refere Gerhard Dell. «Foi uma preocupação que surgiu da base, 'bottom-up' como se diz. De qualquer modo, houve um consenso entre todos os partidos políticos. Isto não acontece necessariamente em todos os *Länder* austríacos. Podem existir sensibilidades diferentes de uma região para outra, dependendo dos habitantes, dos agentes socioeconómicos, dos eleitos, etc. Aqui, por exemplo, um ministro teve um papel determinante.» «Os fundos europeus ajudaram», acrescenta Christiane Egger. «O nosso programa do objectivo

n.º 2, que abrange 150 municípios e faz da energia uma prioridade do desenvolvimento regional, aumentou os nossos meios de acção».

Construção sustentável

Gerhard e Christiane são, respectivamente, director e directora adjunta da Associação da Alta-Áustria para a Conservação de Energia (Oberösterreichischer Energiesparverband — ESV). Trata-se, na prática, da Agência da Energia apoiada pelo Governo do *Land*. Com 19 empregados permanentes, e a disponibilidade de cerca de cinquenta consultores especializados, a ESV assegura um grande leque de serviços, que vão da informação à assistência técnica, passando pela formação (750 conselheiros em energia formados desde 1991), animação, cooperação internacional e transferência de saber-fazer (organização anual dos «Dias mundiais da energia sustentável», por exemplo).

Embora actuando em vários campos, a principal missão da agência é o aconselhamento em matéria de eficiência energética, tanto junto dos particulares como das empresas e das autarquias. «Promovemos encontros personalizados que duram cerca de uma hora», explica Christine Öhlinger, responsável pela informação na ESV. «Fazemos 15 000 por ano, dos quais cerca de 300 com empresas. Realizamos igualmente auditorias a edifícios porque estamos encarregados da certificação energética no quadro do Programa de Construção Sustentável da Alta-Áustria. Um projecto com certificação de energia sustentável tem acesso a empréstimos com juros bonificados para a construção ou renovação de habitação». Desde 1993 passaram pelos serviços da Agência 50 000 processos. Só no ano de 2005 foram avaliados 3 500 projectos de construção e 3 700 projectos de renovação. Calcula-se que este programa tenha permitido economizar mil milhões de kWh na Alta-Áustria desde 1993. Os 100 milhões de litros de fuelóleo não consumidos permitiram reduzir 200 mil toneladas de CO₂ por ano. Financieiramente corresponde a uma economia global de 100 milhões de euros, que foram reinjectados na economia regional.

Cubos

Para fazer face ao desafio energético tão longe quanto possível e envolver todos os agentes interessados, a ESV organiza auditorias locais nos municípios «em estreita cooperação com a população», insiste Joachim Payr, um consultor que anima regularmente este tipo de acções em que os habitantes e as «forças vivas» são convidados a exprimir-se sobre a forma de economizar energia. «Estes exercícios dão excelentes resultados. Aqui, em Munderfing (2 700 habitantes), este exercício de planeamento colectivo revelou que poderíamos produzir localmente até duas vezes mais energia do que a consumida».

E Joachim apresenta a realização de que se diz mais orgulhoso: uma pequena caixa quadrada com 6 cubos de madeira, semelhante aos jogos infantis. Neste caso, as faces dos cubos, quando são associadas, permitem que se constituam 6 imagens representando 6 aspectos do processo de desenvolvimento sustentável. Ou ainda 36 combinações diferentes que ilustram a complexidade da acção, mas igualmente a multiplicidade de vias possíveis. «Este é o nosso 'cubo Rubik'. Não podem imaginar os debates que esta pequena e inteligente caixa já suscitou!» São estes debates em conjunto com a acção colectiva que culminaram em planos que fixam objectivos de eficiência energética para 5, 10 e 30 anos. Já foram desenvolvidos 74 planos estratégicos municipais.

A fórmula da contratação

«A energia, juntamente com a cultura, o social e o turismo, é uma das quatro prioridades do nosso município», insiste Erich Rippl, presidente da Câmara de Lengau (4 600 habitantes). Desde o início do ano lectivo de 2005 que Schneegattern, uma aldeia deste município, dispõe de um jardim infantil de ponta em termos de conforto para as crianças, mas igualmente de arquitectura e de energia: trata-se de uma construção «passiva», muito económica em energia, aquecida com aparas de madeira. A ESV ajudou o município a fazer as esco-



Bioclimática, o novo jardim-de-infância de Schneegattern consome pouca energia.

ilhas mais ajustadas. «O investimento de 715 000 euros representa 8% mais do que teria custado uma construção clássica, considera Erich Rippl, mas estes custos são rapidamente recuperados com as substanciais economias de energia que um edifício como este permite realizar».

Lengau vai juntar-se proximamente à centena de municípios e de empresas que optaram pela fórmula «Energie-Contracting-Programme», uma inovação, para não dizer revolução, no modo de financiamento das infra-estruturas energéticas. «Somos a primeira região da Europa a pôr em prática este sistema», afirma Gerhard Dell. «A fórmula foi inventada há muito, mas era considerada um exercício intelectual. O que estamos a fazer é demonstrar que funciona».

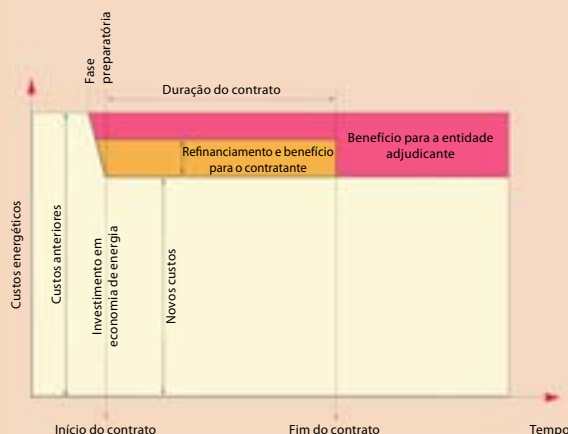
E como é que isto funciona? Um município pretende, por exemplo, modernizar a sua iluminação ou o aquecimento, ou assegurar o isolamento térmico completo de um edifício público. Escolhe, através de concurso, uma empresa especializada que vai não só instalar o equipamento, mas igualmente encarregar-se de toda a gestão da infra-estrutura, desde o financiamento completo do investimento até à sua manutenção. Por contrato, a empresa vai garantir ao município (a entidade adjudicante) uma determinada percentagem de economia de energia. Esta economia garantida vai permitir à entidade adjudicante reembolsar o investimento ou mesmo, ao fim de um certo tempo, financiar novas infra-estruturas.

«De certo modo estamos a privatizar o orçamento da energia», explica Erwin Moser, director da administração municipal de Munderfing. E estende um pedaço de papel onde rabisca o cálculo do preço de custo e das economias realizadas com a nova iluminação municipal: «Assinámos um contrato de 120 meses para a instalação de 318 candeeiros públicos. Custo total: 165 000 euros. Consumíamos antes 46 614 kWh por ano. Actualmente consumimos 35 900 kWh. Fazemos portanto uma economia de 10 714 kWh por ano, ou seja 23%, e esta redução é garantida pelo contratante».

Este tipo de contrato, em relação ao qual a Agência de Energia da Alta-Áustria presta aconselhamento, faz o acompanhamento e concede subsídios (equivalente em média a 14% dos custos e mesmo a 24% nas zonas de objectivo n.º 2), é igualmente válido para as empresas.

Um dispositivo em que todos ganham

O programa «Energie-Contracting» da Alta-Áustria assenta numa «fórmula mágica» que pode ser esquematizada da seguinte forma:



Quer se trate de iluminação, de aquecimento, de abastecimento de água quente ou de renovação de um edifício público, o contrato é vantajoso para as duas partes:

- a entidade adjudicante (autarquia local ou empresa) não tem de desembolsar dinheiro para os novos equipamentos;
- a economia de energia realizada, garantida à partida pelo contratante, permite financiar o investimento;
- a entidade adjudicante beneficia do saber-fazer do contratante e da tecnologia mais moderna em matéria de gestão de energia;
- a adopção desta tecnologia sofisticada dinamiza a sua imagem;
- todo o pessoal da entidade adjudicante se pode concentrar nas suas actividades principais, uma vez que a manutenção fica a cargo do contratante;
- o contratante, por sua vez, garante um volume de actividade a mais ou menos longo prazo junto de um cliente com solvabilidade;
- o contratante mantém-se na crista da tecnologia e beneficia de visibilidade no mercado.

Instalada em Losenstein, a sociedade Weber-Hydraulik (170 empregados) fabrica macacos, braços telescópicos e tesouras de desencarceramento utilizadas pelos bombeiros. Querendo expandir as suas instalações, aproveitou para mudar o sistema de aquecimento recorrendo ao programa Energie-Contracting. «Trata-se de uma fórmula win/win», insiste Kurt Sperrer, responsável pela produção. «Apesar de actualmente o espaço para aquecer seja maior, substituímos 4 600 m³ de fuelóleo que custavam 85 000 euros por 7 200 m³ de biomassa com um custo de 60 000 euros. Temos um contrato de 15 anos com uma empresa de sistemas de aquecimento que nos garantiu 25% de economia, mas na prática a percentagem atinge 40%... Para a alimentação das caldeiras foi celebrado um contrato com um agricultor que nos fornece aparas de madeira».



Klaus Hofer, director da cooperativa Bio-Wärme Weyer.

Biomassa

As aparas de madeira são a matéria-prima da cooperativa Bio-Wärme Weyer, situada perto da bonita aldeia de Weyer Markt, no vale do Enns. No fim de um caminho de terra vê-se aquilo que, à primeira vista, parece um banal pavilhão, antes de descobrir que se trata na realidade de uma infra-estrutura ultramoderna, com montes de computadores e de máquinas sofisticadas. É verdade que três quartos deste longo edifício são um enorme armazém, onde se amontoam centenas de metros cúbicos de aparas de madeira que são conduzidas para o forno por uma espécie de grande espiral mecânica. Com efeito, a Bio-Wärme Weyer é uma central de aquecimento por biomassa, com uma potência de 5 MW, que fornece água quente a 121 clientes através de uma rede de canalizações de

As energias renováveis na Alta-Áustria

O Land da Alta-Áustria (1,4 milhões de habitantes) obtém cerca de um terço da sua energia a partir de recursos renováveis, contra os 6% de média na União Europeia. No que diz respeito ao aquecimento, a percentagem chega mesmo a 41% (UE: 11%). A biomassa e a energia hidroeléctrica representam cada uma 14% do consumo total de energia, sendo uma pequena percentagem coberta pelas energias solar, eólica e geotérmica.

As energia renováveis na Alta-Áustria correspondem a:

- mais de 1 000 instalações fotovoltaicas, ou seja, 770 000 m² de painéis solares;
- 34 000 equipamentos de aquecimento e 250 redes de aquecimento colectivo por biomassa;
- mais de 30 000 bombas de calor;
- 23 turbinas eólicas;
- mais de 7 unidades de produção de biocombustível;
- mais de 500 pequenas centrais hidroeléctricas, das quais mais de 200 foram recentemente modernizadas.

Calcula-se que o recurso às energias renováveis permite economizar anualmente 1,5 mil milhões de euros em importações de energias fósseis, criando ao mesmo tempo 100 milhões de euros de investimentos na região.

11 km. «A água sai daqui a 100°C e chega aos clientes a 85°C pelo menos. Todas as escolas do município, algumas empresas e muitos particulares são nossos clientes», explica o responsável, Klaus Hofer. Criada em 2001 por 4 empresas de exploração de madeira e 16 explorações agrícolas, a cooperativa beneficiou de uma ajuda europeia para o desenvolvimento rural de 5 milhões de euros. «Numa região com uma percentagem de 80% de floresta, seria estúpido não valorizar a única riqueza verdadeira que possuímos, a biomassa. A nossa produção substitui 1,5 milhões de litros de fuelóleo e evita a emissão de 3,6 mil toneladas de CO₂ por ano», salienta Klaus.

Eco-energia

A cooperativa faz parte de outro dispositivo criado e animado pela Agência de Energia da Alta-Áustria: a «Ökoenergie-Cluster» (www.oec.at), rede de empresas regionais activas no sector das energias renováveis, dos materiais ecológicos e das tecnologias ao serviço do ambiente. Participam na rede 142 membros, dos quais cerca de vinte da vizinha República Checa. Do lado austríaco, os parceiros geram um volume de negócios anual de 390 milhões de euros e cerca de 2 700 empregos. A rede oferece aos seus membros um conjunto de recursos que incluem informação, formação e subvenções à inovação tecnológica, à comercialização e à exportação. Sem falar da cooperação transnacional.

Em St-Ulrich, perto de Steyr, a sociedade Kalkgruber Solar- und Umwelttechnik GmbH comercializa painéis solares e caldeiras que podem consumir simultaneamente toros e aparas de madeira. Fundada em 1993, a empresa tem 115 empregados, na sua maior parte jovens, e constitui um modelo do sector das tecnologias energéticas desenvolvido na Alta-Áustria: inovadora, competitiva e fortemente exportadora. «70% da produção é exportada», refere o director e fundador Johann Kalkgruber. «Sobretudo para a Alemanha, Itália, Espanha, Suíça, Hungria e cada vez mais para a França. O mercado está em pleno desenvolvimento, mas é preciso esforçarmo-nos porque, mesmo assim, temos de lutar com cerca de trinta concorrentes». A empresa, que tem constantemente de ino-



Fabricação de caldeiras a madeira e aparas de madeira.



Construção de uma refinaria de biodiesel em Enns.

var, pode utilizar para esse efeito as possibilidades oferecidas pelo Cluster EcoEnergie, que favorece a cooperação. Participa igualmente no projecto europeu «Socold» (2004-2006), que reúne parceiros alemães, austríacos, espanhóis e franceses que procuram aperfeiçoar sistemas de refrigeração e de ar condicionado que funcionam a energia solar e se destinam a particulares e às pequenas empresas. «O futuro é uma mistura de energia de biomassa, solar e eólica e de outras energias renováveis», afirma Johann Kalkgruber.

Uma opinião partilhada por Joachim Payr, o consultor dos cubos que, como acontece muitas vezes neste sector dinâmico e inovador tem uma dupla actividade: a Energiewerkstatt (Oficina de Energia), a empresa que criou em 1995 com três sócios, tornou-se numa das primeiras empresas europeias de assistência técnica ao sector eólico. Actualmente, há 46 parques de turbinas eólicas (metade da potência eólica actual da Áustria) que recorrem aos seus conhecimentos. «As bacias de energias renováveis ainda são muito importantes», refere. «Veja o caso das hidroeléctricas: podíamos duplicar o rendimento de centenas de pequenas centrais que temos modernizando-as. Para isso é preciso consciencializar os proprietários privados. Passo a passo conseguiremos lá chegar».

«No domínio da energia não pode haver um 'big bang'», assegura o director da agência ESV, Gerhard Dell. «As soluções são múltiplas, difusas e de longo prazo. Onde subsiste um verdadeiro problema energético é nos transportes. Mas aí a bola está em grande parte no campo dos construtores automóveis. Quanto ao resto, é preciso conjugar as fontes de energia, construir as infra-estruturas adequadas, garantir uma continuidade por parte dos jovens e contar com um apoio político e financeiro em todas as regiões da Europa. O nível regional é o mais adequado, porque está próximo do produtor e do consumidor. O balanço energético da Alta-Áustria é muito bom: 30% do nosso consumo provém de fontes renováveis. Mas 30% quer igualmente dizer que ainda há 70% que não o são».

Para saber mais: <http://www.esv.or.at/>.

ESPAÑA

Centro Nacional das Energias Renováveis



Custo total: 15 600 000 EUR
Contribuição da UE: 2 800 000 EUR

«Dotado dos equipamentos mais modernos, como laboratórios para desenvolver colectores térmicos e painéis fotovoltaicos, análise e ensaios em matéria de biomassa ou ainda certificação de turbinas eólicas, o Centro Nacional das Energias Renováveis (CENER), instalado perto de Pamplona, em Navarra, dispõe de tudo quanto é necessário para um centro de investigação e desenvolvimento. A sua investigação concentra-se essencialmente em cinco domínios: a energia eólica, a energia solar, a energia de biomassa, a arquitectura bioclimática e a utilização do hidrogénio para o armazenamento da energia. Iniciada em 2002, a actividade do CENER tem por finalidade última tornar acessíveis a toda a sociedade as tecnologias mais eficientes, partindo da ideia de que a melhor energia é a que não é consumida.»

Juan Ormazábal, director-geral
direccion@cener.com
www.cener.com

HUNGRIA

Maior eficiência energética para o hospital de Szeged



Custo total: 1 600 000 EUR
Contribuição da UE: 589 000 EUR

«Graças ao co-financiamento europeu, o hospital de Szeged conseguiu executar um plano de acção inovador em matéria de energia: as antigas caldeiras a vapor foram substituídas, tal como as canalizações e os radiadores. O novo sistema de aquecimento, controlado por computador, permite economias substanciais. Foram ainda instalados no tecto do hospital 800 m² de painéis solares. A energia gerada serve para produzir a água quente utilizada tanto nos cuidados aos doentes como no aquecimento do edifício. Este projecto é o início de uma operação de racionalização energética mais vasta, que abrangerá outros edifícios municipais, começando pelos estabelecimentos de ensino e por um centro médico. Para Szeged, isto constitui uma forma de atacar o problema do aquecimento global e um óptimo exemplo de 'pensar globalmente e agir localmente'»

Botka Laszlo, presidente da Câmara de Szeged
racz.peter@polghiv.szeged.hu

GUADALUPE (FRANÇA)

Apoio à energia eólica e a outras fontes de energia renovável



Custo total: n.c.
Contribuição da UE (incluindo a energia eólica, geotérmica e solar): 35 046 990 EUR

«Com uma população de cerca de 450 000 habitantes, Guadalupe constitui um caso único nas Caraíbas, uma vez que tanto a energia eólica como a solar, hidráulica, geotérmica ou a combustão do bagaço de cana e do carvão contribuíram para a sua menor dependência do petróleo nos últimos 12 anos, período em que o consumo aumentou a um ritmo anual médio de 5,5% ao ano, atingindo actualmente cerca de 1 400 GWh. A energia eólica é produzida a partir de 11 parques eólicos na costa oriental de Guadalupe, nas ilhas de Marie-Galante, Désirade e Terre-de-Bas. Neste momento, estão instaladas 208 turbinas, correspondendo a uma potência calculada de 21 MW e a uma produção anual de 50 GW. O objectivo fixado pelas autoridades locais é o de produzir 10% da energia eléctrica a partir da energia eólica, ou seja, uma potência de 50 MW. Em 2006 pode considerar-se que 60% das previsões foram atingidas.»

Nadia Roseau, Prefeitura de Guadalupe
nadia.roseau@guadeloupe.pref.gouv.fr

REINO UNIDO

A madeira, fonte de energia para as empresas



Custo total: 17 500 000 EUR
Contribuição da UE: 5 900 000 EUR

«Através do Wood Energy Business Scheme — WEBS (Sistema de energia de madeira para as empresas), o País de Gales procura criar um mercado para a madeira como combustível sustentável destinado ao aquecimento e à produção de electricidade em pequena escala. As PME da zona de objectivo n.º 1 do País de Gales e da zona de objectivo n.º 2 (Powys) podem solicitar um subsídio que chega a 48% dos custos de um sistema de aquecimento alimentado a madeira, de um pequeno gerador de electricidade (menos de 2 MW) ou de um equipamento de transformação da madeira em combustível. Este programa, lançado em Março de 2004 por um período de quatro anos, é gerido pela Comissão das Florestas do País de Gales. Até ao momento, 50% dos fundos foram atribuídos a 53 projectos, dos quais 2 pequenos geradores eléctricos, 10 projectos de transformação e 38 sistemas de aquecimento. A Comissão das Florestas reserva igualmente 35 000 toneladas de madeira para o mercado do aquecimento por biomassa no quadro do WEBS.»

Michael Pitcher, chefe de projecto, Wood Energy Business Scheme
mike.pitcher@forestry.gsi.gov.uk
www.woodenergybusiness.co.uk

Dinamarca

«A Academia de Energia de Samsø: todas as energias renováveis sob um único tecto»

Søren Hermansen, director

Os turistas que no próximo ano passarem pela ilha dinamarquesa de Samsø vão descobrir, perto do porto de Ballen, uma nova atracção para visitar: a Academia de Energia de Samsø. Neste local vão ser concentrados todos os conhecimentos adquiridos na ilha com os projectos que aí se realizaram no domínio das energias renováveis, desde as turbinas eólicas e os sistemas de aquecimento urbano que utilizam a palha como combustível, até ao óleo de colza e aos colectores solares. A Academia de Samsø oferece aos investigadores dinamarqueses e estrangeiros uma oportunidade de estudarem as energias renováveis sem terem de ir mais longe para procurar inspiração.

Ao mesmo tempo, a Academia será um centro de conferências onde investigadores, empresários e responsáveis políticos debaterão o desenvolvimento local baseado nas energias renováveis, as economias de energia, as novas tecnologias energéticas, as novas estruturas organizacionais e os modelos de propriedade. O Centro de Energia e a Agência de Energia de Samsø prevêem mudar-se para este local para aí prosseguirem as suas actividades de aconselhamento no domínio da energia, tanto junto das empresas como dos particulares. Tencionam igualmente promover o turismo associado à energia, bem como sessões de trabalho e seminários sobre o tema. A Academia será assim o novo quartel-general das organizações de Samsø em matéria de energia.

Durante o Verão, a Academia abrirá espaços de exposições e de experimentação aos turistas, estudantes e outros apaixonados pela energia; mesmo agora, mais de um milhar de visitantes de todo o género descobrem anualmente a «ilha das energias renováveis». Num espaço de experiências, recentemente equipado, será possível, por exemplo, a construção de um veículo a hidrogénio, uma unidade eólica ou uma pequena pilha solar. Samsø pretende também promover visitas de escolas em campos de verão e ao longo do ano escolar a fim de as sensibilizar para as energias renováveis.



A futura construção.



Ecologia e tradição

A arquitectura da Academia foi influenciada pela dos edifícios tradicionais de Samsø, como as casas dos vikings. E, de acordo com a ecologia o edifício, foi concebido respeitando os seguintes princípios: perturbação mínima da fauna e da flora das terras pantanosas drenadas onde foi construído; utilização de materiais de construção naturais e recicláveis; atmosfera interior isenta de emissões de toxinas; ar fresco assegurado por um sistema de ventilação natural nos rasgados gabinetes e divisões de grande volume; fraco consumo de água graças a equipamentos de recuperação (por exemplo, a água da chuva é utilizada para as casas de banho e para irrigar o solo); economia de calor graças a um isolamento eficaz do edifício e a um sistema de aquecimento solar associado à central local de aquecimento urbano alimentada a palha, sendo as canalizações, por seu lado, perfeitamente isoladas graças a tubos duplos: a taxa de perdas térmicas é a mais baixa jamais atingida na Dinamarca.

Os colectores solares que abastecem a Academia de água quente servirão para fazer a demonstração deste meio de aquecimento aos visitantes. O edifício é alimentado electricamente por cerca de 100 m² de células solares fotovoltaicas situadas no tecto e por turbinas eólicas. Os aparelhos eléctricos e os candeeiros utilizados por todo o lado são de fraco consumo energético. As janelas foram concebidas para otimizar as condições de iluminação.

A Academia da Energia é um projecto local co-financiado pelo município de Samsø, pelo Real Dania (um fundo privado) e pelos fundos estruturais. O custo total, incluindo os arranjos do interior, eleva-se a 2 000 000 de euros. O FEDER contribuiu com 25 000 euros para o estudo de viabilidade e com 400 000 euros para a construção. O comité director da Academia é constituído por representantes de universidades, das autoridades locais e do município, bem como de ONG locais. O êxito do projecto explica-se principalmente pelo facto de Samsø ter demonstrado que as energias renováveis são uma boa opção para uma pequena comunidade. Os benefícios obtidos com as economias de energia e a produção de energia limpa são reinvestidos na Academia.

Contacto: Samsø Danmarks Vedvarende Energi Ø,
www.veo.dk

INTERREG IIIA ALEMANHA/FRANÇA/ BÉLGICA/LUXEMBURGO

«RUBIN»: estratégias regionais a favor da biomassa



Custo total: 1 550 000 EUR
Contribuição da UE: 770 000 EUR

«O objectivo do projecto RUBIN é determinar o potencial e os limites de utilização da biomassa no nosso território transfronteiriço. Graças às áreas disponíveis e a uma forte procura energética local, a biomassa pode contribuir substancialmente para o nosso abastecimento de energia. Pode igualmente reforçar a economia regional induzindo novas actividades nos sectores da agricultura, da silvicultura, do comércio e dos serviços. Para isso é preciso no entanto que sejam tomadas medidas concretas: criação de um centro de competências, realização de um estudo que possa levar a uma estratégia regional em prol da biomassa, organização de sessões de sensibilização e, por último, concepção e elaboração de projectos-piloto transfronteiriços.»

Ulrich Bemmann, IZES (*Institut für Zukunftsenergiesysteme/Instituto para os Sistemas Energéticos do Futuro*)
bemmann@izes.de
www.izes.de

INTERREG IIIB MAR DO NORTE

«POWER» para a energia eólica off-shore



Custo total: 3 493 682 EUR
Contribuição da UE: 1 746 841 EUR

«A energia eólica é um sector cujo crescimento é impedido em numerosos locais pela falta de terrenos disponíveis. Uma das soluções consiste em voltar-mos para instalações ao largo da costa. O projecto «POWER», que associa 37 organizações de 10 regiões costeiras do mar do Norte, destina-se a desenvolver energia eólica off-shore, reforçando a cooperação e as capacidades técnicas, logísticas e administrativas dos agentes do sector. Adoptando uma abordagem global, que tem em conta toda a cadeia de valor (da planificação à instalação e à formação de especialistas), este projecto deverá consolidar a posição da bacia do mar do Norte como vanguarda desta indústria ou mesmo fazer dela uma região líder até 2015.»

Mathias Grabs, chefe de projecto
info@offshore-power.net
www.offshore-power.net (www.interregnorthsea.org)

INTERREG IIIB CADSES

«KinG» para a eficiência energética dos edifícios



Custo total: 2 423 622 EUR
Contribuição da UE: 1 183 050 EUR

«A rede transnacional CER² (Central European Regions Cluster for Energy from Renewables.NETwork) pretende favorecer o desenvolvimento regional e o crescimento económico local na Europa Central, promovendo as tecnologias energéticas respeitadoras do ambiente e a utilização racional da energia. Concretamente, trata-se de mobilizar e agrupar as empresas, clusters de negócios e outros intervenientes do sector das energias renováveis e da eficiência energética. Um dos projectos apoiados pelo CER² é o «KinG» (Kompetenznetzwerk Innovative Gebäudetechnik — Rede de Competências em Técnicas de Construção Inovadoras). Este projecto KinG pretende facilitar a integração no sector da construção de técnicas e materiais que permitam conjugar conforto e eficiência energética. O KinG foi lançado na região de Viena, tendo-se alargado ao conjunto da rede CER² através de intercâmbios transfronteiriços de saber-fazer entre as regiões participantes.»

Susanne Geissler, chefe de projecto
susanne.geissler@arsenal.ac.at
www.arsenal.ac.at

INTERREG IIIC OESTE

«RUSE» ou a energia dos fundos estruturais



Custo total: 1 573 000 EUR
Contribuição da UE: 968 000 EUR

«O projecto RUSE (Redirecting of Urban areas towards Sustainable Energy/Reorientar as zonas urbanas para as energias sustentáveis) ajuda os interlocutores dos novos Estados-Membros e dos países candidatos a utilizarem melhor os fundos estruturais para realizar projectos energéticos sustentáveis. Desde 2004, ano em que foi lançada esta iniciativa de quatro anos, foi criado um conjunto de acções em cada país parceiro para incentivar e ajudar os municípios, agências energéticas, empresas e outros agentes interessados a submeterem mais projectos aos fundos estruturais. O sítio web do RUSE dá assim acesso a um grande número de instrumentos: documentação sobre os fundos estruturais; base de dados; boletins informativos sobre o tema da energia; gabinete nacional que podem fornecer assistência para a elaboração de projectos; resultados de seminários e de viagens de estudo; ligações úteis com outros sítios referentes aos fundos estruturais e à energia nos países da Europa Central e Oriental.»

Christophe Frering, coordenador do projecto
cfrering@energie-cites.org
www.ruse-europe.org

2007-2013: preparar a nova geração de programas com o sítio Inforegio

Os Estados-Membros e as regiões estão a preparar o próximo período de programação 2007-2013. O sítio Inforegio apresenta numerosas informações e documentos de interesse para todos os agentes envolvidos neste processo. Trata-se de facilitar o intercâmbio entre todos e de informar o grande público sobre os progressos alcançados. Não hesitem em dirigir as vossas perguntas e contribuições para a DG REGIO.
http://ec.europa.eu/comm/regional_policy/funds/2007/index_pt.htm.

Comissão Europeia, Direcção-Geral «Política Regional»
 Unidade 01 — «Informação e Comunicação»
 Thierry Daman
 41, avenue de Tervuren, B-1040 Bruxelles
 Fax: (32-2) 296 60 03
 E-mail: regio-info@ec.europa.eu
 Internet: http://ec.europa.eu/comm/dgs/regional_policy/index_pt.htm

Informações sobre ajudas regionais da União Europeia
http://ec.europa.eu/comm/regional_policy/index_fr.htm

ISSN 1725-8154

© Comunidades Europeias, 2006
 Reprodução autorizada mediante menção da fonte.



Serviço das Publicações
Publications.europa.eu